

## Saiba mais sobre luto

**Sobre o Sofrimento – Roberto Damatta      Caderno 2 quarta-feira, 26 de janeiro de 2005 – O Estado de São Paulo.**

Que o leitor me perdoe o tema sombrio, e quase tabu, numa modernidade voltada para privilegiar o superficial, o fácil, o prazeroso, ainda mais nesse momento pré-carnavalesco que demanda passar por cima das auguras desta vida. Melhor do que falar da dor, seria usar os remédios que cotidianamente usamos para esquecê-la: discutir política, desancar o governo, reclamar disso ou daquilo. Por que, então, não ver somente o iluminado da vida do mundo?

E, no entanto, apesar das prescrições fáceis (evite as preocupações, alivie a neurose, não pense em coisas desagradáveis), esse fim de ano pariu um sofrimento indizível, inesperado dando, com a catástrofe da Ásia, uma prova concreta de que também vivemos num vale de lágrima. Testemunho cruel de que temos que honrar uma “vida humana” marcada pela tragédia e finitude e da dor nesse mundo, o que torna imperativo sugerir um “outro mundo” melhor e mais justo. E, pior que isso, que nossas vidas transcorrem com cotas e escalas de sofrimentos e alegrias que operam sem nenhuma lógica e padrão.

Por que os tsunamis atingiram a Ásia no dia em que nossos entes mais queridos estavam na praia? Por que nasci em Sri Lanka e não na França? Por que João bondade pegou aquela doença terrível enquanto aquele fdp daquele “político” ladrão, bandido e velhaco continua esbanjando tudo o que é público inclusive saúde?

Esse desacordo entre vidas corretas e sofrimentos humanamente injustos, e desproporcionais relativamente ao tamanho dos atingidos, é um assunto que interessa a todos nós neste Brasil das violências incontidas pelos administradores, das ruas onde os motoristas sustentam a guerra de todos contra todos e das balas perdidas...

Max Weber, que talvez tenha escrito o mais profundo comentário sobre esse assunto, diz mais ou menos o seguinte: como é que um Deus onipotente, fonte de infinita justiça, bondade e compaixão pela humanidade pôde Ter criado um mundo marcado pela irracionalidade, pela injustiça e sofrimento gratuito? Se não podemos estabelecer uma contabilidade moral entre o padecimento e beatitude, ou Deus não é onipotente e realmente bom ou, então, somos governados por uma lógica que não conseguimos entender por ser muito diferente de nossa sociabilidade, marcada por reciprocidades diretas (ou primitivas) como a do “dar e receber”, a do “amor com amor se paga” e a do “olho por olho, dente por dente”.

Essa desconcertante interrogação faz nascer os grandes sistemas morais e religiosos com seus postulados de fé, cujo objetivo seria transcender o sofrimento deste mundo, sem esquecer os sistemas de bruxaria, panema e azar, típicos das sociedades tradicionais e tribais, mas igualmente presentes, residualmente ou não, em todo grupo humano. Sistemas explicam os acidentes substituindo a vontade impessoal de Deus, da Natureza, das “forças históricas” ou do “mercado”, para atribuí-los alguma pessoa concreta que vive ao nosso lado.

Jó, que resignadamente aceitou um sofrimento incessante, é talvez o melhor exemplo desse perseverar na crença num Deus impessoal, cujas razões são inacessíveis aos humanos. Cristo, os mártires e santos são o exemplo máximo nesta confiança num poder maior e numa ética de salvação no outro mundo. As doutrinas socialistas são o testemunho secular e “materialista” dessa mesma reação, quando postulam o alívio para o sofrimento humano com a radical junção deste mundo com o outro, o que muda tudo.

Só o pensamento metafísico político e religioso, que postula um fim dos tempos ou da história, como queira Cristo ou Marx, pode responder satisfatoriamente aos infortúnios desta vida. O dito de Tertuliano, o grande codificador do cristianismo, expresso há quase dois milênios, “Creio porque é absurdo”, aclara o caminho. Quando não posso explicar, acredito; e acredito exatamente porque explicar é impossível.

Mas onde perguntaria o leitor tão ou mais cético que eu, estaria esse “acreditar”? Qual o seu conteúdo? Como isso poderia ser traduzido numa linguagem menos religiosa ou eventualmente sectária, como ocorre nas doutrinas políticas fechadas?

Thornton Wilder, um dos mais sensíveis escritores americanos, no seu bellissimo livro, *A Ponte de São Luis Rey*, sugere uma resposta. Diante da impossibilidade de transformar a teologia numa ciência exata, na base da suposição diz: “Se em algum lugar há leis, elas devem existir em toda a parte, um de seus personagens, frei Junípero, concorda que a discrepância entre a fé e os fatos é maior do que supomos. A resposta, entretanto, não estaria na precisa contabilidade moral projetada pelo frade, mas na boca de uma religiosa, cuja fé e solidariedade pelos desamparados, abria mão de resultados e recompensas. Para ela, a resposta “explicação” para o sofrimento estava na dedicação guiada pelo amor. Esse amor que não precisa de recompensa e que é ponte entre esquecimento e lembrança, entre os vivos e os mortos. Única sobrevivência e significado.